

(DES)EN-LAÇOS ENTRE AMORES, DESEJOS E GOZO

Depois de Freud, nós nos deparamos com a separação entre amor, gozo e desejo, e as diversas formas de relação com o objeto. Essa talvez seja mais uma ferida narcísica que Freud abre em nossas vidas, depois de afirmar que o “eu não é o senhor na sua própria casa”, pois nós adoramos sonhar com os ideais de um amor. Sonhamos com um parceiro que seja o nosso objeto de amor, de desejo, de gozo, alguém que nos complete, dizemos. Alguém que preencha todos os pré-requisitos de ideais que nós mesmos não preenchemos. E, quando fracassamos na nossa busca, sentimos o peso de uma grande ferida narcísica na medida em que nos perguntamos o que há de errado com a gente e que buscamos encontrar o defeito, na nossa imagem muitas vezes e, de fato, chegamos a mudar ela, nem que seja através de um corte de cabelo. Não é atoa que dizemos estar com o orgulho ferido quando somos trocados, rejeitados, dispensados pelo outro.

Contudo, o que interessa à psicanálise é a forma como cada ser falante lida com essas questões (amor, desejo e gozo) e enlaça a linguagem do simbólico que estrutura suas experiências humanas, o imaginário do corpo e da significação e o real do gozo. Esses três pontos não estão, obviamente, separados do sintoma no qual a psicanálise se ocupa, seja ele sintoma freudiano, interpretável, decifrado, localizado entre o simbólico e o imaginário, seja ele sintoma como função de gozo, relativo às repetições pulsionais que direcionam o sujeito a partir do seu gozo fálico. Isso quer dizer que, por ser muito próprio, essa articulação entre amor, desejo e gozo tem a ver com a própria estrutura clínica do sujeito.

Ora, eu disse aqui que o sintoma freudiano, como sendo uma das formações do inconsciente dentre as outras (chiste, ato falho e sonhos) é, para Freud, decifrável. Mas, é preciso dizer que Lacan só chega à noção de sintoma como função de gozo a partir da noção de Freud de pulsão de morte, pois, é em 1920 que a repetição sintomática é reconhecida por Freud, o levando a pensar no que está “além do princípio do prazer”. A repetição se liga ao conceito de gozo e, talvez, poderíamos dizer que a satisfação parcial do desejo no sintoma se dá no plano de fundo de um gozo masoquista. Isso levanta uma formulação: o sintoma não é exatamente uma formação do inconsciente como as outras, porque ele enlaça algo de real no simbólico. E porque não falarmos de um sintoma da vida amorosa?

Não é por acaso que eu falo aqui de enlaçamento entre os registros em cada sujeito, pois, apesar de separados, amor, desejo e gozo se encontram, se entrelaçam. Está, então, posto aqui o problema que nós ouvimos dia-a-dia no consultório, os paradoxos, rolos e enrolo do romance neurótico reproduzidos na transferência com o analista.

A psicanálise opera através do amor de transferência, mas o analista sabe que o amor se constitui no jogo de ilusão e tem sua essência vazia. O analista, então, não responde a demanda de amor para sustentar a falha que faz aparecer o desejo, mas, paradoxalmente ele se utiliza dessa demanda. O amor é, portanto, responsável pelo início de uma análise e não há análise sem amor.

A questão é que, se, tanto o amor quanto o desejo são formas do sujeito lidar com a sua falta, veremos que elas, entretanto, nem sempre estão juntas e ouvimos isso na clínica. O amor é um dizer e nós amamos o amor. Falamos de amor o tempo todo, nos romances, nos filmes, nas novelas, nas músicas, entre amigos, na mesa de um bar e também em um consultório de psicanálise. Não só falamos do amor como vivemos reclamando do amor, nos queixamos de uma eterna e irreparável falha pela impossibilidade da satisfação plena com o outro e isso nada mais é do que a falta.

Sobre essa insatisfação, Freud nos alertava que o “Mal-estar da civilização” está ligado à impossibilidade da pulsão de garantir a satisfação plena e à necessidade de estabelecer ao gozo barreiras. Mas, o que isso tem a ver com a queixa do amor não correspondido ou com amor incompatível? Com as queixas da forma como o outro nos ama? Ou as mais radicais, de não ser amado? A impossibilidade de satisfação está marcada desde o início de nossas vidas graças ao objeto perdido que nunca será encontrado. Essa falha, esse furo, essa impossibilidade, se instala a partir do momento em que a linguagem surge para estruturar toda a experiência humana. Portanto, é a linguagem que faz obstáculo à plenitude e ao incondicional do amor. Talvez por isso falamos tanto no amor, aí está um paradoxo.

Se “não há relação sexual”, como se dá a relação entre homens e mulheres? Como lidam com amores, desejos e gozos? A questão da impossibilidade da relação sexual imposta por Lacan já fora marcada desde Freud, quando o criador da psicanálise nos afirmou que o objeto é parcial. O objeto, em Freud, é inclusive o que há de mais variável na pulsão e, acima de tudo é perdido. Então, o que Lacan quer dizer com essa frase, que pode, em um primeiro momento, até parecer absurda e difícil de compreender, é muito simples. Obviamente ele não se refere ao ato sexual entre um casal, mas à impossibilidade de se satisfazer por completo com uma outra pessoa, a impossibilidade de fazer Um de dois, como o conto de Aristofanes, lembrado por Freud, que ilustra a divisão do ser humano em duas metades fadadas a encontrar sua metade na terra pela união amorosa. Aliás, temos muitas metáforas para falar disso, como a “alma gêmea”, “a outra metade da laranja”, etc.

Na psicanálise a outra metade do homem, a mulher, não é metade, pois ela é, se vocês me permitem dizer, um homem e mais alguma coisa que permanece intangível e intraduzível.

Há um abismo entre a posição de um homem e de uma mulher que impede esse encontro, pois, assim como a tartaruga e Aquiles, um está sempre um pouco além do outro. Isso nos remeteria a outras formulas lacanianas, como o famoso dito de que “a mulher não existe”, ou que a mulher é “não-toda”. Mas, podemos continuar nos embasando nos ditos freudianos. Para Freud, a mulher nasce um homenzinho e deve fazer todo um sacrifício para tornar-se mulher. Freud se perguntou sobre o que queria uma mulher, Lacan respondeu: gozar.

Claro que todo gozo escapa ao simbólico de algum modo, isso é mesmo a própria definição de gozo na psicanálise, com exceção do gozo do sentido, que goza do contrário. Mas, para facilitar e encurtar esse debate, deixemos então apenas claro que entre um homem e uma mulher, cada um goza do seu jeito e esses jeitos não são complementares.

Mas, o que impede a complementaridade entre as pessoas? A falta do sujeito é o que impede o engodo da relação sexual, ou seja, essa falta de todo ser falante que existe, justamente, porque estamos inseridos na linguagem, marca as relações pulsionais que estabelecemos com os nossos objetos de gozo. Se não houvesse essa falta, se a relação sujeito-objeto fosse perfeitamente harmônica, não haveria, obviamente, análise. Mas, eu dizia que o desejo, amor e a pulsão foram, a partir de Freud, separados, assim podemos questionar se o sujeito goza, deseja e ama o mesmo objeto.

Esses três conceitos: amor, desejo e gozo estão presentes a todo o momento nas obras de Freud e de Lacan, sejam com os mesmos termos ou, por vezes, dito de outro modo. Falamos de libido, pulsão, enamoramento, paixão, etc. O que a psicanálise nos ensina, entretanto, é que, independente dessas formas de lidar com a falta, nada poderá eliminá-la e o ideal romântico de fazer Um torna-se, psicanaliticamente impossível.

Eu disse que o amor, o gozo e o desejo tem a ver com a estrutura clínica, de modo que a mudança no ensino de Lacan sobre concepção do sintoma tem a ver com a impossibilidade do que ele chama de “relação sexual”, veremos o porquê. Para Freud, “o sintoma é uma formação de gozo”¹, signo da neurose, fruto de um recalque de pulsões, retornando no corpo como substituto de gozo sexual. Lacan, ao se apoiar na linguística, afirmará que o sintoma é uma metáfora e, como metáfora, consiste na substituição de um significante por outro. Nesse caso, para ser ainda bem freudiano, Lacan nos mostrou que era o significante enigmático do trauma sexual que seria substituído.

Mas, observem que, esse significante do trauma sexual, por ser enigmático, escapa da possibilidade de significação e inscreve um traço enigmático de gozo. Esse traço, por sua vez,

¹ Colette Soler (2014). “Adventos do real: da angustia ao sintoma”, p. 104.

é traumático pela falta de um repertório simbólico que seja capaz de traduzir em palavras aquilo que se manifesta no corpo de substância gozante. É basicamente nisso que Lacan se dedica nos anos 1970, em tentar explicar os efeitos que esse trauma provoca na clínica para o sujeito em questão. É nesse sentido que o sintoma aparece como função de gozo.

Mas, se a virada de Lacan nos anos 70 nos indica o sintoma como a solução possível para a não existência da relação sexual, então, podemos dizer que o sintoma é a forma como cada sujeito encontra para lidar com a impossibilidade de fazer Um com o outro. Desse modo, podemos considerar que a forma do sujeito lidar com a falta é sintomática, ou seja, o seu desejo, a sua forma de amar e de gozar são de algum modo enlaçados por um fio sintomático. Mas, vejam, Freud já dizia que o sintoma era a tentativa de gozar com aquilo que, graças à inserção cultural, foi interdito e reprimido no inconsciente, de modo que o sujeito utiliza o mecanismo do recalque para barrar um gozo inapropriado. Mas, por querer sempre a satisfação, o gozo retorna, se ligando a um outro significante, uma outra imagem acústica.

A tese freudiana é que a pulsão só busca se satisfazer, ela só quer gozar. Porém, como ele nos ensinou, a “civilização” estabelece barreiras ao gozo de modo que o sujeito cria as formações de compromisso do inconsciente. Ora, o sujeito cria o sintoma para gozar e isso cria outro paradoxo. O sintoma incomoda e o sujeito pede que nós o ajudemos a retirá-lo, mas por ser sinal do gozo da angústia no qual ele está colado, o paciente resiste a desfazer de sua proteção. O sintoma é mesmo um misto de prazer e dor, portanto, gozo. Isso é mais paradoxo ainda se levarmos em consideração uma coisa que Lacan vai nos chamar a atenção nos anos 1970, sobre a formulação de que algo do sintoma não poderá ser simbolizado, portanto, decifrado ou curado. Nós nos deparamos com a conclusão de que, no sintoma, há uma parte passível de cura e outra que será preservada pelo sujeito no fim de uma análise. Nós vamos ver que, a pesar do “impossível” aqui imposto por esse resto que escapa, o sujeito não deixa de tentar simbolizá-lo e, por isso, o repete.

A psicanálise exerce, portanto, o que Freud chamou de “tarefa impossível” na medida em que o sujeito que chega na clínica nos faz uma demanda impossível de ser satisfeita e, essa demanda, nada mais é do que uma demanda de amor. Há então uma repetição amorosa, pois o objeto perdido deixou marcas que causam o efeito de que um amor repete o outro.

Mas ainda é preciso, então, explicar porque a linguagem é responsável pela falta humana e pela impossibilidade da plenitude. Com a teoria de sexualidade infantil, Freud nos mostrou que a criança, ao nascer, é um corpo gozante. Sua sexualidade perversa polimorfa autoerótica demonstra uma tendência a uma sexualidade parcial, marcada por um corpo que

pode gozar de todo e qualquer orifício. Contudo, é a partir do momento em que ele se encontra na posição de objeto de gozo do Outro que algo marca a sua essência humana.

Em Lacan, a demanda constitui o Outro como aquele que deve satisfazer suas necessidades. O grande Outro, em Lacan, é o inconsciente estruturado como uma linguagem, é aquela outra cena que, segundo Freud, marca em nós a dolorosa verdade de que “o eu não é o senhor na sua própria casa”. E, salientamos a estrutura de uma linguagem pelo simples fato do inconsciente compartilhar de suas leis: deslocamento e condensação para Freud, metáfora e metonímia para Lacan. Mas, só somos seres de linguagem porque somos inseridos nela por outros sujeitos, outros que ocupam um lugar de mestre para nós, esse lugar de grande Outro. Por isso, dizemos que esse lugar é primeiramente incarnado pelos pais. A mãe é, portanto, o primeiro grande Outro, o que Lacan chama de Outro primordial para o sujeitinho falante que acaba de vir ao mundo, pois, aquele que exerce a função materna é quem estabelece o primeiro contato do sujeito com a linguagem. É ela que atribui significantes ao sujeitinho antes mesmo que ele nasça, significantes esses que tomamos como desejos, desejo de um menino, de um filho médico, uma menina bailarina como a avó, um menino com a força do pai, etc. O que quer que seja esse desejo, ela espera algo desse filho, na melhor das hipóteses.

O desejo da mãe marca e vemos isso em análise também, vemos o quanto somos marcados pelos ditos dos outros que colocamos nesse lugar, porque simplesmente queremos ser amados por eles. Se, o Outro é o inconsciente e também pode ser incarnado por um outro, isso nada mais é o do que a prova da força dessa marca inconsciente que nos é imposta. A marca do desejo da mãe revela o primeiro movimento do ser falante com a demanda, isso é, com a demonstração dos desejos do Outro que foram atribuídos a esse sujeitinho, os quais falei há pouco. O que é a demanda, então? A demanda é demanda de amor, ela espera sempre uma prova de amor. Entretanto, as satisfações que ela poderia obter são aniquiladas pela própria demanda, na medida em que a demanda está sempre além do pedido, além da necessidade, por conservar em si a estrutura da demanda **incondicional** de amor. Parece complexo, mas a questão é simples. Estamos o tempo inteiro demandando amor ao outro, mas nada do que o outro nos ofereça será prova de amor suficiente, porque mais uma vez, a linguagem nos faz dar de cara com a impossibilidade de colocar em palavras tudo o que gostaríamos de dizer e sentir. E, se trabalhamos com os equívocos no consultório, é por saber disso. Mas, sobretudo a demanda é impossível de ser satisfeita porque o sujeito demanda a um outro algo que gostaria que viesse do Outro. Para Lacan, então, um amor repete o outro porque o objeto traz marcas do Outro envolvido na primeira demanda de amor.

Quando Freud (1905) nos diz que a pulsão é antes necessidade e está ligada ao processo de auto preservação do sujeito, ele nos dá o exemplo da pulsão oral que se desenvolve a partir da necessidade de comer para se manter vivo. A experiência da primeira mamada, ao proporcionar gozo no sujeito faz com que a criança queria demandar mais, mas ele não sabe como. Aos poucos, o sujeitinho descobre a linguagem como mecanismo para que ele possa explicitar, pedir mais, demandar, sem saber, entretanto, que o parasita da linguagem seria o culpado pela impossibilidade de satisfazer a sua própria demanda.

Mas, a impossibilidade de poder dizer tudo não é algo que aceitamos assim com tanta facilidade, por isso, eu dizia que esse pode ser um outro furo narcísico no homem. Demandamos amor do outro sem saber o que exatamente estamos demandando e, portanto, é impossível que isso seja satisfeito. Não aceitamos, porém, que o amor seja falho, que o outro não ame como eu o amo, aí então, sentimos ciúmes, temos medo de perdê-lo porque afinal de contas, qual a garantia que tenho que esse outro me ama? A psicanálise é dura em relação ao amor, pois ela deixa claro que não há nenhuma garantia. Afinal, o que eu amo faz parte das expectativas, das idealizações que eu mesmo criei a respeito desse outro. Vejam que, por ser ideal, portanto imaginário e narcísico, o amor é muito frágil.

Mas, voltando à questão do Outro, para não deixar o pai de fora desse lugar, é preciso acrescentar que o pai apareceria como reincarnação do grande Outro a partir da metáfora paterna. A metáfora, por definição, é um significante substituindo o outro, então podemos dizer que o S_1 (significante primeiro/ mestre) do desejo da mãe vai ser substituído pelo S_2 , que seria o significante do Nome-do-Pai. Essa é uma primeira releitura do complexo de Édipo freudiano em Lacan, leitura que marcará a diferença entre a neurose e a psicose. Mas, hoje eu vou me ater apenas no amor neurótico, que não é menos louco.

Lacan, no seminário 4, chegou a questionar se seria apenas na psicose que o sujeito colocaria em risco a sua própria individualidade e afirmou que no neurótico há, ao menos, a ilusão dessa perda, como eu exemplifiquei no início através da chamada “dor de cotovelo”. Freud, em “Luto e melancolia” também mostrou as nuances entre o luto de um objeto de amor e a melancolia. Isso nos permite dizer, desde já, que o neurótico procura manter suas relações com o objeto idealizado a qualquer preço e, que isso ilustra, mais ou menos, a propensão dos falantes a fazerem loucuras por amor.

Falando em neurose, lembro aqui que a história que nos é contada no consultório desrespeito ao romance, ao “mito individual do neurótico”. Freud nos falava do “romance do neurótico” quando nos convidava a pensar no desejo que se inscrevia na história contada pelo sujeito, nas suas repetições associadas livremente em análise.

Assim, o amor surge na teoria freudiana a partir das histéricas, mulheres que, ao contar suas histórias, mostraram a Freud um sintoma corporal que apareceria no lugar de uma proibição amorosa, a proibição do amor incestuoso, fazendo Freud descobrir a etiologia sexual nas neuroses e a noção do Édipo presente no inconsciente neurótico como realidade psíquica. Freud indica que aprendemos a amar com o Outro e que a relação amorosa com os pais marcaria as repetições do romance neurótico ao longo da vida, por isso, ele atribuía a forma de amar à relação que o sujeitinho estabeleceu com esse primeiro amor, que é o amor edípiano, o amor do Outro, dos pais, bem como à relação de amor dos próprios pais entre eles.

Essa repetição é também algo que escutamos no consultório, obviamente. Escutamos até nos bares, dos amigos, por exemplo, com aquela amiga que diz ter azar por só se relacionar com caras a abandonam. Ora, a psicanálise não acredita tanto nesse jogo de azar, afinal, Freud já nos ensinou a perguntar aos pacientes “qual a sua responsabilidade na desordem na qual você se queixa”, não é mesmo? Falamos, então, que é culpa da tal da escolha inconsciente. E, é preciso ressaltar que, o que se entende por escolha em psicanálise é um pouco diferente do senso comum, na medida em que há sempre uma perda no que “escolhemos” e que não se trata de uma escolha de fato. Mas, dizemos “escolha” justamente para que o sujeito se responsabilize pela sua desordem.

Vamos entender então o que causa essa tal repetição. O sujeito nasce em condição de desamparo, na sua estúpida infável existência e, por nascer prematuro, precisa do Outro para evitar a sua condição. Aí, então, cria-se a dependência amorosa do Outro como tampão para o desamparo, que é, na verdade, “intampável”. Esse desamparo é o anúncio da alienação e da separação a esse Outro de modo que a castração está premeditada. Quanto ao amor, ele é covarde por não querer saber da castração que fundamenta o desejo e marca o gozo.

A castração, eu gostaria de precisar aqui, que ela vai além da “inveja do pênis” ou da “ameaça de perda do pênis”, pois essas observações freudianas apontam algo mais profundo do que as fantasias sobre um símbolo imaginariamente e socialmente fálico e Freud se dá conta disso em 1923, quando troca a primazia do pênis, pela primazia do falo. Para entender melhor os avanços da psicanálise sobre essa questão, teríamos que nos debruçar mais sobre aquilo que opera a nível real, simbólico e imaginário na vida de cada um.

A castração está ligada à tal falta que eu falava que marca o sujeito na inserção da linguagem. Ou seja, o sujeito só se identifica ao falo em primeiro lugar por reconhecer a falta materna e acreditar que ele pode preenchê-la, alienando-se a ela. Mas, com a entrada de um significante paterno nesse “romance familiar”, o sujeito se dá conta que há outra coisa fálica que está além dele, na verdade, outras coisas fálicas. Nesse contexto, se opera a mudança de

“ser o falo” para “ter o falo”. Estou falando daquele desejo materno que nos marca, na medida em que a mãe deseja algo além da criança. O jogo do neto de Freud com o carretel, evidenciado no *fort-da*, pode ser visto como uma tentativa dessa simbolização do sujeito, simbolização que procura mais ou menos responder às questões existenciais de um indivíduo como “quem sou eu?” e “o que esse Outro quer de mim?”.

O Nome-do-Pai não é exatamente uma pessoa, mas um significante que faz uma barra. Assim, toda a relação do sujeito com o Outro é interceptada pela relação imaginária entre um sujeito e o objeto (a—a’). Toda relação dual faz surgir, em primeiro plano, esse objeto imaginário privilegiado que se chama falo. Desse modo, a relação imaginária está sempre modelada na relação mãe-criança, o que ilustra a ideia freudiana de que as relações amorosas repetem algo de uma primeira relação.

Parece cômico ou trágico, mas o sujeito nasce completamente dependente de um outro sujeito, no qual ele idealiza ser quem vai sempre ampará-lo. Acontece que esse outro que deve ampará-lo é também desamparado, ele não sabe como fazê-lo, porque, infelizmente nascemos sem manual, embora os livros de autoajuda insistam no contrário. Basta ver de perto uma família para entender que os pais, ainda que estejam sempre tentando dar esse amor e amparo ao filho, vão falhar e não terão nenhum controle sobre a interpretação que esse ser, que eles colocaram no mundo, fará de suas ações. Além do mais, levamos uma análise inteira para deixar cair os ideais dos pais e enxergá-los apenas como dois outros falantes porque a palavra do Outro pesa. Não só parece trágico como **é própria a tragédia do neurótico**, assim como a tragédia de Hamlet, diria Freud. É, enfim, uma tragédia edipiana. A tragédia na qual, nós, psicanalistas estamos sempre escutando.

O “mito individual do neurótico”, o “romance neurótico” é o romance edipiano de fato. Então, podemos dizer que o complexo de Édipo exprime o primeiro amor? O primeiro amor da vida do sujeito é aquele que exerce a função de mãe, grande Outro que, entretanto, é quem insere o sujeito na linguagem, marcando sua falta. Assim, desde os “Três ensaios da teoria da sexualidade”, Freud mostrou que a impossibilidade de satisfazer essa demanda de amor do sujeitinho desamparado estaria ligada à perda de um objeto que não teria sido jamais encontrado. Instaura-se aí a eterna busca pelo objeto perdido, a tal “parte que nos falta”. Assim, Freud descobre nos “Três ensaios” que é o objeto que é o culpado das ambivalências nas relações humanas, na medida em que ele é o instrumento usado para mascarar e enfeitar a angústia de castração que está por trás de toda a relação do sujeito com o mundo, portanto, com o objeto.

A castração é, portanto, a própria fonte de repetição. Ela marca um impasse no nível do amor, do saber e do gozo. Se o objeto traz as marcas do Outro da demanda de amor ele traz, digamos marcas de um amor frustrado e dos primeiros encontros de gozo sempre traumáticos. Quando o objeto se perde leva uma parte do Outro na história familiar e chamamos isso de objeto edipiano, mas no nível erótico, os objetos de encontro de gozo, herdaram algo que está além do falo, pois incluem olhar, voz, anal e oral, contando as histórias de acontecimentos de corpo daquele sujeitinho.

Quanto ao Édipo na psicanálise, diante de suas inúmeras versões, ele vai girar, sobretudo em torno da problemática do pai. O encontro do Édipo se dá em 1900, quando Freud se dedica aos sonhos e compara a travessia de Édipo para desvelar a sua origem com a psicanálise, assinalando aí que o inconsciente se estrutura através de uma realidade psíquica que é o próprio mito edipiano. Dez anos depois, Freud associa o Édipo com o desejo e introduz a ideia de que para desejar é preciso três elementos, sendo o terceiro deles justamente o pai. Mas “A dissolução do complexo de Édipo” só se dá, em Freud, no ano de 1924, quando ele estabelece que a cultura, a intimidação externa, é o que regula o gozo e ameaça o falante com a ausência de amor.

Lembro então que o Édipo não é sem relação com o sintoma, Freud dizia inclusive que o sintoma era direcionado ao Outro, que, normalmente, seria o pai. Não obstante, o Édipo é também o que instaura na psicanálise a primazia universal do falo, o que provoca o desenvolvimento do supereu no sujeito e o que marca a entrada na linguagem e no laço social. Ora, na medida em que falamos de laço social, falamos da relação com os outros, esses outros que amamos, desejamos e gozamos.

Resumamos assim: o desejo do Outro faz o sujeito advir ao simbólico e, por ser determinado pelo Outro, o sujeito fica alienado aos significantes que selam o seu destino e constrói o seu mito individual. Assim, o sujeito se aliena pelo *objeto a*, que é o objeto causa de desejo e, não por acaso, lugar que o analista virá ocupar em uma análise. O *objeto a* é precisamente isso que cai da separação entre a o Outro materno e a criança, isso que se perde quando o sujeito é inscrito na linguagem. Dito de outro modo o *objeto a* é o termo lacaniano para falar do objeto perdido que estamos fadados a seguir buscando.

Segundo a primeira teoria lacaniana, é na inclusão do Nome-do-Pai no Outro, como barra entre a criança e a mãe, o sujeito passa a se apropriar desses significantes do Outro, tentando construir uma resposta ao desejo do Outro para criar o seu próprio desejo. Mas, em uma análise, vemos que, nessa tentativa de apropriação dos significantes, o sujeito continua alienado ao Outro e é nisso que a análise pode proporcionar um processo de ressignificações.

O sujeito continua alienado porque o seu desejo é de ser desejado pelo Outro e é por isso que ele se empenha em construir toda uma fantasia que transforme cada encontro que atesta a impossibilidade do Um, então, a falta, o real, em uma reconstrução da “historinha” do fracasso da unidade sujeito-Outro.

A verdade é que o sujeito não quer perder o gozo e quando os limites lhe são estabelecidos, ele sai pela tangente, criando novas estratégias, mas, continua perdendo por estar fadado ao golpe da linguagem.

Contudo, é porque a demanda de amor é insatisfeita, que ela abre espaço para o desejo. O desejo se funda nessa insatisfação, na impossibilidade de encontrar um objeto que o realize, uma vez que esse objeto estará para sempre perdido. O desejo surge quando perguntamos o que o Outro deseja de nós e passamos a vida tentando responder. Desse modo, o desejo está relacionado à falta no Outro que fazemos de tudo para completar, pois trata-se da falta daqueles que mais idealizamos. Mas, na falta das palavras em um inconsciente que dê conta de exprimir um desejo objetificado, específico, essa pergunta nunca terá uma resposta. Ao mesmo tempo, essa falta insuportável do Outro é o que cada um tenta encobrir ao seu modo através da sua fantasia, o que faz com que a fantasia seja uma espécie de resposta que nos fixa em uma certa forma de enquadrar o real, aquilo que, justamente não há palavras para descrever.

Bom, se nós, como psicanalistas, visamos o desejo, vamos nos voltar agora para ele. Freud concebeu o desejo realizável a partir do inconsciente, ou melhor, de suas formações (sintoma, sonho, chiste e atos falhos), mas nós vimos, com Lacan, que o desejo não poderá jamais ser realizado. Esse paradoxo, na verdade, é ainda mais complexo, porque as formações do inconsciente são um compromisso que visam realizar um desejo inconsciente, mas que são impedidas pelo recalque. O objeto que se deseja de fato não se sabe, mas buscamos o tempo inteiro representá-lo. Freud dirá que o objeto do desejo é satisfeito de forma alucinatória e Lacan complementa dizendo que, se não há um objeto específico no qual desejamos, há o objeto que causa desejo. Com as representações realizamos uma parcela, mas, novamente, algo sai pela tangente. Se os sonhos são a “porta do inconsciente”, Freud atribui a todas as formações do inconsciente a expressão de um desejo. E esse desejo é alucinado na medida em que ele não tem objeto porque é desejo de desejo. Isso indica que se trata de dois impossíveis: desejo e objeto.

O objeto perdido e o desejo são duas coisas que jamais serão encontradas e por isso, Lacan as define como sendo da ordem do real. O desejo não é desejo de algo específico e, por isso, cada vez que nos aproximamos dele nos damos conta de que não era bem aquilo que queríamos ou passamos a querer outra coisa.

Sabemos que a necessidade humana é corrompida pela linguagem. A necessidade biológica de algo, o homem pouco conhece, a não ser aqueles que estão em situação de extrema privação, passando reais situações de fome e sede. Nós, que temos a possibilidade de escolha, quando sentimos “fome”, sentimos vontade de comer algo específico, até comermos para desejar outra coisa e atestarmos nossa insatisfação.

O desejo ligado à oralidade nos faz logo pensar na bela açougueira de Freud que mostra suas perturbações históricas em torno da falta e do amor. O caviar do seu sonho tem o destino de deixar o desejo insatisfeito, ela deseja algo que pede que o marido não a dê. E por mais estranho que isso pareça, fica ainda pior quando ela oferece a amiga ao marido por procuração. A histérica mede o seu desejo pelo desejo do Outro, mas como esse Outro é barrado, ela reconhece o seu desejo como insatisfeito. Vejam o exemplo de Dora, ela deseja a madame K por representar o desejo barrado do Outro, o pai no caso.

Mas poderíamos usar um exemplo mais obsessivo que utiliza o **objeto a** para cobrir o vazio da impossibilidade do Um. Por ser tomado por uma grande capacidade de idealização, ele cria verdadeiros objetos fálicos que pensa poder desmentir a impossibilidade da relação sexual. O obsessivo tem horror do furo e ele vai se munir de seus ideais para construir verdadeiros objetos de desejo. É como se ele funcionasse sempre na busca de objetos-rolhas para tapar seus furos, mas o que encontra são apenas objetos-peneiras.

O desejo obsessivo não se satisfaz por mais que ele tente o fazê-lo idêntico às demandas. Escutamos na clínica o quanto isso é angustiante para essa estrutura, que pode criar sintomas compulsivos para refazer, repetir até que o furo se apague e, nesse sentido, a demanda é também um furo que precisa ser preenchido. Ou seja, as repetições que visam encobrir algo estão fadadas ao fracasso, porque o furo é, como eu venho dizendo desde o início, estrutural.

O obsessivo se utiliza de duas estratégias, ambas negando o furo do Outro. Ou tenta buscar satisfazer todas as demandas para não deixar rastros do seu furo, ou se fazem de verdadeiros mortos, dizendo não sentirem nenhum desejo por nada. O flerte do obsessivo com a morte está posto nessa necessidade de “zerar” e alcançar um nível de excitação tão mínimo que só seria possível na morte.

Por fim, os obsessivos também amam colecionar pequenos falos, pois enquanto a histérica usa sua fantasia para preservar a falta, o obsessivo utiliza para tampá-la. Os obsessivos se identificam mais, portanto, com a necessidade de ter pequenos “falinhos”.

Na sociedade atual, vivemos uma espécie de cultura da imagem que está ligada à indústria do narcisismo. Ora, se o amor é narcísico, obviamente a indústria do narcisismo interfere na nossa forma de amar.

Uma certa prevalência do registro da imagem vem do capitalismo que faz comércio com isso, comercializamos o amor. Mas se o amor é mesmo essa ilusão de encontrar o objeto perdido, quanto tempo permanecemos iludidos em uma relação? Será que podemos amar quando sabemos que não estamos diante da nossa “outra metade”? Quero dizer, seria possível amar sem idealizar? Essa questão parece ser pertinente na medida em que Lacan trabalha o fim de análise como atravessamento da fantasia, indo além do rochedo da castração freudiano. Ademais, Lacan faz uma promessa na “Nota italiana” de que o fim de análise nos apresentaria a “um amor mais digno”².

A fantasia é a estratégia neurótica para lidar com o real e esse real do qual estamos falando é justamente a falta estrutural na qual eu lhes falava desde o começo. Chamamos de fantasia todas as relações possíveis do sujeito com o **objeto a**, portanto “a forma da fantasia desperta a dimensão do desejo”³, na medida em que o **objeto a** é a sua causa. Mas, eu disse que toda relação imaginária entre sujeito e objeto está marcada pelo falo que surge através daquela primeira relação fundamental entre o sujeito e o Outro. A fantasia porta o desejo e a realidade psíquica, sendo a realidade algo já pronto, premeditado, programado pelo sujeito para sustentar o seu desejo.

A relação do sujeito com o Outro se dá por meio da interseção do **objeto a**. A fantasia é, portanto, a resposta criada a partir de uma frase, uma significação fechada que estrutura o único termo possível da escolha deixada pela alienação. A alienação, por sua vez, implica na rejeição do Outro que vem no lugar da interrogação de ser, onde o sujeito se questiona, pois uma vez rejeitado, o sujeito precisa formular o porquê. Trata-se de um traço, o ponto pivô, o amor rejeitado que mantém o sujeito. Assim, desejo é regulado a partir da fantasia e isso implica em uma certa economia de gozo.

Nos perguntamos também frequentemente como um objeto ideal pode virar o objeto de ódio. Se “O ódio é parente do amor”⁴, é porque antes de qualquer coisa, o sujeito pode se tornar agressivo em relação a tudo que ameaça o amor do Outro por ele. Vemos que crianças são agressivas com irmãos muitas vezes porque aquele ser semelhante pode ser visto como alguém que rouba a cena do sujeito, então a agressividade está muitas vezes ligada ao sentimento arcaico de inveja.

² Lacan (1980) em “Nota italiana” disponível nos « Outros escritos », p. 315

³ Lacan (1967) Seminário livro 14 “A lógica da fantasia”, aula de 14 de junho de 1967.

⁴ Lacan (1977) Lacan seminário livro 24 “L’insu que sait de l’une-béveu s’aile à mourre”, Aula do dia 10 de maio de 1977 (p. 71)

Eu disse que amor é um dizer e acrescento que seria um grande idealismo pensar que é possível dominar a violência com a fala, pois Freud já atestava a junção entre pulsão de vida e de morte. A palavra é muitas vezes mais agressiva que um próprio ato e os obsessivos sabem bem desse poder da palavra, é por isso que o homem dos ratos pôde xingar o seu pai o chamando de “prato”. Quero dizer que o xingamento se dá mais pela entonação que pela frase propriamente dita.

Inclusive, a agressão é uma coisa necessária para a construção do sujeito segundo a técnica psicanalítica, visto que não existe separação sem agressão e temos como isso o exemplo do Édipo, que aliás vai de encontro com o que eu falava sobre a inveja. Se dizemos que o menino por amar a mãe sente ódio do pai é por saber que há nele algo que lhe falta e que talvez seja isso que o outro tem, e que ele não, que faz com que a sua mãe não se satisfaça somente com ele.

Isso nada mais é que a busca pelo fálico, é o deslizamento de objetos na busca do tal objeto “sagrado” e “venerado” que interessa ao Outro. Se o falo simboliza uma falta que constitui o sujeito do inconsciente, o sujeito tentará encobri-la dando sentidos, nomes, objetos, todos imaginários. Isso se dá na tentativa do sujeito de responder o que o Outro quer dele, quem é ele e o que o falta nesse Outro que ele busca além dele.

Desde “Os três ensaios” Freud nos fala da ligação da libido com a crueldade que transforma o amor em ódio, com isso, ele nos advertiu o quão frequente encontraríamos isso nas neuroses e na paranoia. Freud nos fala também no texto “Psicologia das massas e análise do eu” de uma pequena diferença que funda o sentimento de “estrangeiridade” nos indivíduos. Estamos falando do narcisismo da pequena diferença, que revela que esse eu, que “não é senhor na sua própria casa”, é um elemento estrangeiro.

O eu nasce de uma identificação com o outro, e Lacan nos ensina que ele seria uma imagem alucinada que formamos do próprio corpo através do estágio do espelho. Assim, parece tentador fazer derivar o narcisismos das pequenas diferenças e transformar o outro em inimigo apenas por causa de um pequeno traço no qual não me identifico e recebo como um risco, uma ameaça ao meu frágil e alucinado eu, de modo que devo isolar o outro para preservar minha castração e não lidar com a minha fragilidade.

Obviamente, isso traz implicações novamente no âmbito social, nos laços e nos discursos nos quais estamos inseridos. O sujeito não é individual na medida em que ele é marcado pelo contato que estabelece com esse meio em que foi inserido, o lugar que nasceu, como nasceu, onde. Ele é marcado pelas intervenções do Outro da linguagem, como já foi dito, e isso não é sem relação com a história. É por isso que Freud e Lacan fizeram equivaler, através do

inconsciente, o individual e o coletivo. Por isso escutamos as histórias do paciente como Freud nos ensinou escutando as histéricas. Nesse sentido, a indústria do narcisismo e o culto à imagem, podem exacerbar o narcisismo da pequena diferença, pois quanto mais narcísico, mais o sujeito se sente ameaçado por esse pequeno traço diferente.

Os discursos de ódio racistas nada mais são do que um discurso marcado pelo narcisismo da pequena diferença, por aquele traço que excluo do meu grupo, para poder, justamente, formar o grupo. Freud nos alertou que para que haja um grupo, alguém precisa estar fora dele. Aos traços aos quais nós nos identificamos, respondemos, portanto, com amor e, aos traços do estranho, com ódio. Isso pode explicar alguns extremismos típicos do mal-estar da nossa civilização atual.

A marca das influências históricas e sociais são evidentes na forma que amamos porque o fazer Um tem a ver com a identificação e o amor é “a maneira mais grosseira”⁵ de fazer Um. Há aqueles que nasceram, por exemplo, em países cristãos foram marcados por um valor de amor moralista onde se ordena que nos amemos uns aos outros como amamos nós mesmos. O problema se instaura na medida em que esse amor narcísico, um amor próprio, não é tão simples quanto parece ser.

Toda universalização gera exclusão e o traço unário é o traço da identificação, nos ensinou Freud. Talvez seja a própria obrigatoriedade de amar o outro, como falava na sociedade cristã, seja o que force o ódio a se traveste de medo para disfarçá-lo e isso liga o ódio ao medo na medida em que o medo vem do corpo, das pulsões, dos sintomas e dos gozos, mas, nesse momento, fomos tomados mesmo pelo ódio desavergonhado. O narcisismo da pequena diferença é o que eu vou resguardar da minha diferença com o outro para preservar a minha singularidade.

O amor como “agrupamento”, tentativa de instalar a unidade possível, é uma forçagem, digamos, para a formação de um grupo, um grupo de dois que tem inclusive muito medo que outros entrem no grupo, medo que esse outro que se identificou comigo por conta de um traço qualquer que eu certamente desconheço possa se identificar com outro por qualquer outro traço. Mas “se amar é dar o que não se tem”, Lacan ressalta que amamos pela castração. É porque somos castrados que criamos essa ilusão de que o objeto é a nossa vida, é aquilo que nos falta para que finalmente sejamos inteiros. O ódio, por sua vez, continua no sentido de fazer Um, mas sozinho.

⁵ Lacan (1973) Seminário livro 20 : “Mais ainda”, p. 93

Mas, Lacan nos fala em “Televisão” sobre o ódio do gozo do outro, mostrando que a segregação cultural tem por fundamento a estranheza do **objeto a**, que é o objeto estrangeiro por excelência e condensador de gozo que o sujeito tenta localizar no outro. O **objeto a** é o objeto que Freud se referia como perdido, o qual ainda não tinha nome. Em Lacan ele é nomeado de ‘a’ para indicar esse outro (autre em francês). Esse objeto é sim objeto de gozo, de amor e de desejo, mas não significa que ele seja a encarnação de um falante no três quesitos e é precisamente nisso que os laços e desenlaces do sujeito com esse objetinho são tão complexos. Está aí posta os três lados do **objeto a**: pulsional, narcísico, causa de desejo e de gozo.

O pequeno outro, a quem Lacan chama desde 1955, no seu segundo seminário, de próprio eu, representa o par do espelho, o outro semelhante e ao mesmo tempo rival do sujeito do qual acabo de falar. É com ele que o sujeito se relaciona, colocando-o no lugar de objeto, que pode ser o objeto de desejo, onde ele almeja que o outro tenha aquilo que ele necessita para ser amado pelo Outro, ou objeto de repulsa, por medo daquilo que ele não reconhece em si próprio. No seminário 10, Lacan descobrirá o **objeto a** como outro pulsional, que pode ser causa de desejo, provocar angústia e ser condensador de gozo, representando inclusive a forma como o sujeito se relaciona na fantasia ($\$ \leftrightarrow a$).

É graças ao fato de que o sujeito é dividido, marcado por uma linguagem que, em psicanálise, atribuímos ao sujeito um corpo e uma sexualidade pulsional. Ou seja, a linguagem e a pulsão estão entrelaçadas. Isso é o que permite Lacan de dizer, no seminário 11, que a fala provoca, no sujeito, a condição de realização no Outro, realização portanto inconsciente, na medida em que nesse período o inconsciente ainda é apenas estruturado como uma linguagem. Porém, a pulsão é o que possibilita a redução do Outro ao outro, colocando-o como parceiro sexual para que o sujeito possa gozar dele. Assim, podemos dizer que a conexão do sujeito ao Outro se dá através das pulsões. Para falar de amor, o que nos interessa é que o Outro do amor, o primeiro amor do sujeito, aquele que se prestou à função materna, é o lugar que o sujeito coloca o seu semelhante, vulgar o pequeno outro. Nesse contexto, entenderemos como o **objeto a** está inserido no Outro do amor.

Ainda que o sujeito se conecte com o Outro a partir das pulsões, durante o seminário 11, Lacan vai separar as estruturas das pulsões sexuais do amor, coisa que nem sempre parece evidente em Freud. Lacan (1964) aproxima o campo do amor ao do narcisismo, enquanto que a pulsão seria essa montagem que permite à sexualidade de se entrelaçar com a vida psíquica do sujeito, formando a estrutura inconsciente da hiancia. O objeto do amor, sendo ele narcísico, está ligado a ao ideal e conseqüentemente àquilo que pode se transformar em ódio, e nós,

infelizmente, vemos e ouvimos isso em crimes passionais, ou talvez nem precise ir tão longe, basta dizer que ao receber um pé na bunda é muito fácil passar a odiar o amado.

O objeto de desejo é o objeto que causa o desejo, aquele que faz o sujeito se movimentar eternamente em sua busca estando fadado a nunca o encontrar. Ainda que, no seminário 10, Lacan afirme que “o verdadeiro objeto buscado pelo neurótico é uma demanda que ele quer que seja feita. Ele quer que lhe façam suplicas. A única coisa que ele não quer é pagar o preço”⁶. Podemos traduzir essa frase dizendo aquilo que ele busca é o amor, demandando através daquilo que lhe falta, sem que ele deva pagar o preço de sua paixão ignorante de gozo.

Antes de concluir, gostaria de fazer algumas observações entre os conceitos de gozo e de pulsão. Como dizíamos, evocar o Outro implica em falar do lugar do tesouro dos significantes e não é sem razão que o termo “pulsão”, em Lacan, pressupõe a palavra, o simbólico, a linguagem. Nesse sentido, Lacan (1960 – texto do grafo do desejo) indica o matema da pulsão ($\$ \langle \rangle D$), levando em consideração todas as relações possíveis do sujeito com a demanda, o que implica a formulação: toda fala é uma demanda. A pulsão, que está entre o somático e o psíquico para Freud, é para Lacan, o eco de um dizer no corpo.

Se ao falar de pulsão, Lacan introduz a sua dimensão da linguagem, não podemos, entretanto, cair no equívoco de igualar pulsão e demanda por conta do matema exposto ($\$ \langle \rangle D$), pois a pulsão não demanda, não pede permissão, ela apenas age buscando o tempo inteiro a sua satisfação. Aí podemos pensar, talvez, em uma distinção entre amor e desejo. Enquanto o amor demanda amor, demanda provas de que encontrou o objeto perdido que irá completa-lo por estar cego de identificação, o desejo nada mais é que desejo de desejo, que se mantém insatisfeito ou impossível, e está relacionado com essa pulsão que procura sua satisfação.

O casal do desejo e o sujeito é a fantasia ($\$ \langle \rangle a$), que marca o próprio sujeito em todas as relações possíveis com o seu **objeto a**, isso é, todas as relações possíveis dentro dessa moldura imposta pela fantasia, que enquadra os desejos. No gozo, não há parceiro de gozo, porque ele só quer gozar, só busca satisfazer-se e pouco importa como, com quem, o que atesta a sua perversão. Mas, por outro lado, sujeito goza da sua repetição sintomática e cria, através dela, um parceiro, o parceiro sintoma função de gozo. Sobre isso, Lacan dirá que “O sujeito não tem grande coisa a fazer com o gozo, mas, por outro lado, seu signo é susceptível de provocar desejo. Aí está a mola do amor”⁷.

⁶ Lacan Seminário livro 10 “A angustia”, p. 62.

⁷ Lacan (1973), Seminário livro 20 “Mais ainda”, p.56

A única coisa que o sujeito pode fazer com o gozo do sintoma no fim de uma análise é identificar-se a ele, a essa parte irreduzível de seu gozo que abre uma via que aponta para uma marca inédita. Os inéditos de fim de análise são ligados aos três elementos que articulei hoje para vocês, o inédito de gozo, um desejo inédito e um amor mais digno.

Então, no amor, o casal já é outro, a relação é de sujeito para sujeito. Poderíamos ainda, e não sou eu que propus isso, mas o próprio Lacan (1973), colocar o amor na cadeia que representa o sujeito, que é o próprio inconsciente, onde ele “usa o sujeito enquanto suposto em uma frase articulada a algo que se ordena ou pode ordenar por uma vida inteira”⁸. Amar é dar o que não se tem e é querer ser amado, mas o **amor como signo** é algo mais profundo. É o signo de uma percepção do inconsciente e seus efeitos, onde o mistério do amor e o funcionamento do inconsciente se encontram, um encontro de línguas, revelando um saber que estava ali “insabido”, é a relação de um sujeito do inconsciente com outro sujeito do inconsciente diante da contingência que provocou esse encontro.

Sobre amor mais digno, é preciso uma análise para que as repetições amorosas ligadas às marcas da primeira demanda de amor deem lugar a esse novo encontro com o saber. Dai a importância de uma operação pelo amor na transferência, amor que supõe um saber ao analista. Podemos concluir que Lacan faz do seu ensino e da própria análise, um progresso de amor.

Dito isso, amor é primeiramente uma tentativa de responder a esse desejo insaciável, encobrindo-o com seu manto imaginário. Vejam que, ao falar de “**desilusão** amorosa”, já assumimos a qualidade ilusória de um amor. Mas, nem sempre o objeto de amor satisfaz o desejo porque o desejo está sempre além, buscando algo ligado à fantasia do sujeito que captura o outro como objeto, enquanto que o amor busca o próprio ser no outro. Nesse caso, temos todos os problemas de traições entre casais. Existem sujeitos em que o traço que buscam nos objetos de amor não coincidem com o de desejo. Vocês lembram da grande confusão do homem dos ratos sem saber com qual dama casar? E Gide com a história da mãe e da tia? Eu poderia dar vários exemplos, mas não tenho tempo para isso, o assunto é vasto.

O que podemos ver, então, é que Lacan estabeleceu a diferença entre diferentes modalidades de alteridade. De um lado, o sujeito está sempre demandando o que esse Outro não tem, que é o amor incondicional. Qualquer demanda, por ser fala, se articula no Outro, porque o Outro é o lugar onde o sujeito se acha representado nos significantes dos que encarnam o Outro para ele e é isso que permite aos psicanalistas lacanianos de dizerem que o Outro é o inconsciente do sujeito, como sendo essa outra cena que o habita. O neurótico,

⁸ Idem

portanto, é aquele que personaliza, no outro, o lugar do Outro, construindo o seu romance, que será certamente repetido na transferência como reedição das narrativas de seus amores.

No fundo todos sabemos que essa ideia de que “nós dois somos um só” nunca em toda a história da humanidade aconteceu. Nunca ouvimos no consultório alguém colar literalmente no outro, ou talvez, o que chegamos mais perto com isso foram sujeitos devastados ou psicóticos, mas isso fica para uma outra vez. Hoje, introduzi apenas a problemática do amor para demonstrar porque todo mundo sente ou já sentiu o problema que é amar outro.